

LITORALIZAÇÕES SATURADAS: A invenção de um (outro) litoral na cidade contemporânea - Itajaí (SC) (1970-2012).G. Alejandra G. Luna¹

Itajaí localizada no litoral norte de Santa Catarina cresceu basicamente, mas não exclusivamente, ao redor do Porto às margens do Rio Itajaí-Açú. Rio este, que por sua navegabilidade, fez desse porto a principal “porta de entrada para a colonização europeia no Vale do Itajaí, desde a segunda metade do Século XIX”² evidenciando que o desenvolvimento econômico e social da região deste Vale, de alguma maneira vinculava-se àquilo que chegava através do Porto de Itajaí. Essa cidade que “nos primeiros anos do século XX era retratada como uma grande aldeia de pescadores”³ passou a comportar o maior porto brasileiro exportador de madeira ao longo desse mesmo século, exigindo ao mesmo tempo toda “uma reorganização do espaço urbano local.”⁴ Sabemos que empresas ligadas à atividade portuária cresciam ou se instalavam na cidade⁵, aumentando a demanda de emprego, e a “modesta” Itajaí do início do século XX, década após década, modificou o seu cenário urbano.

Atualmente este mesmo porto é retratado como o segundo maior do país em movimentação de containeres e principal porto de cargas refrigeradas do Brasil, atuando como centro de importação e exportação, escoando boa parte da produção do Estado de Santa Catarina⁶. Neste vai e vem de mercadorias, bens e serviços, o Porto de Itajaí no início da segunda década do século XXI, se configura como um atrativo para pessoas

¹ Doutoranda em História Cultural no Programa de Pós Graduação em História da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: alelunabrasil@hotmail.com

² SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1974, p. 32.

SILVA, José Bento Rosa da. Trabalhadores de Itajaí: uma história de organização e resistência. In: **Itajaí – Outras Histórias**. Itajaí: Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação/Fundação Genésio Miranda Lins, 2002, p. 150

³ LINHARES, Juventino. **O que a memória guardou**. Itajaí: UNIVALI, 1997, p. 6. O autor ao escrever “deste século” está se referindo aos primeiros anos do século XX.

⁴ MOREIRA, Sonia Miriam Teixeira. O Porto da madeira. In: **Itajaí: Outras histórias** Itajaí: Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação/Fundação Genésio Miranda Lins, 2002, p. 85.

⁵ BARRETO, Cristiane Manique. **Entre Laços e Nós: formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930)**. Porto Alegre, 1997. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRG.

⁶ www.portoitajai.com.br

que almejam um emprego nas empresas e fábricas da cidade e região que direta e indiretamente estão ligadas às atividades portuárias impulsionadas também por interesses do poder político.

Dentro deste contexto, pretende-se investigar através desta pesquisa ainda em face inicial os possíveis vínculos de estes grupos e famílias que enriqueceram em função das atividades portuárias nas primeiras décadas do século XX, teriam ou não ligações com as atuais empresas que se instalaram e se instalam na cidade e que projetam Itajaí no cenário do comércio nacional e internacional. Dito de outra maneira, em que medida tais grupos que se configuraram econômica e politicamente a nível estadual e nacional, manteriam o vínculo através de empresas na Itajaí contemporânea?

Estes questionamentos se tornam significativos, quando se percebe que todo este movimento portuário, gerou e gera uma movimentação não só da cidade de Itajaí, mas da região que historicamente liga-se a este fluxo. Nesta perspectiva é necessário evidenciar que o espaço da cidade não é algo estático, não pode, portanto ser pensado como tal, e nem como uma imagem cartográfica onde se passa a história, pois ela é um elemento que compõe a trama, os movimentos e a dinâmica histórica. Noutras palavras, este espaço, diz respeito ao percurso da narrativa, num “trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares”⁷, ou ainda, a “noção de espaço remete a uma relação singular no mundo, à dimensão existencial de um lugar habitado”⁸.

Nesta cidade multifacetada, num estudo do contemporâneo, as possibilidades de escrita se apresentam desafiadoras, por estar inscrita na ambiência de perceber os artefatos que a perpassam imersa numa perspectiva globalizada. Portanto, esta análise não diz respeito apenas à cidade de Itajaí, mas a possibilidade de pensar as cidades; no que é a cidade? Quais as possibilidades que se tem, de experimentar a cidade? Em que medida uma cidade como Itajaí traduz uma linguagem que tenta homogeneizar a vida nas cidades litorâneas contemporâneas? Ainda, permite uma leitura das relações de

⁷ CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano: 1 Artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 203.

⁸ DOSSE, François. O espaço habitado segundo Michel de Certeau – descontinuidades e intangibilidade da personalidade: a relação com o tempo no individualismo contemporâneo. **Traduções Artcultura**. Uberlândia, Minas Gerais, n.9, jul-dez, 2004, p.85. Disponível em: http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF%209/ArtCultura%209_dosse.pdf

trabalho, na produção e “estruturação econômica, nos fluxos migratórios e populacionais⁹”, no consumo, na busca por segurança e cidadania e, na inserção deste estudo, uma cidade no contexto litorâneo com suas particularidades e especificidades, mas também com aquilo que a conecta no presente a um panorama mundial.

Invenção de um (outro) litoral

Em Itajaí se faz a tentativa de apresentar, a Praia Brava, ao mundo como um local sonhado, idealizado, “preservado” e “paradisiaco”. É a partir deste local e de seu Porto, que a cidade entra no roteiro de “Internacional” propiciando uma discussão sobre cidade no contexto litorâneo num processo de “litoralização”. Entendendo esta ideia como a possibilidade de pensar as cidades saturadas simbólicamente, imagetivamente e na mercantilização do “paraíso”, pelo litoral e esta ocupação urbana vista como um sinónimo da própria cidade.

Importante aqui destacar que a ocupação urbana litorânea, em Santa Catarina inicia-se nas primeiras décadas do século XX (1920) na idealização da Praia de Cabeçudas (Itajaí) onde grupos ligados ao Porto, compostos principalmente por imigrantes ou descendentes oriundos de famílias letradas e detentoras de capital que se faziam valer por sua posição elitizada¹⁰, ou pelo glamour de possuírem descendência europeia, projetaram à beira mar suas moradias e espaços de sociabilidade. Novas posturas e códigos de ser e de comportar-se á beira mar chegaram da Europa à Itajaí, designando uma nova gama de relações naquele momento.

Outro ponto de análise neste trabalho é a verificação de uma possível continuidade destes grupos estarem inscrevendo numa outra temporalidade e espacialidade novos espaços projetados e modernos que são os imóveis de luxo à beira mar na Praia Brava que por sua vez produzem novas relações no estar e vivenciar o local. Ou ainda interpelar quem são estes novos sujeitos que apostam na realização de um local idílico.

⁹ CAMPOS, Emerson César de; FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Tempos Saturados** In: _____ (orgs.) Florianópolis no Tempo Presente. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 263 – 271.

¹⁰ BARRETO, Cristiane Manique. Entre laços: as elites do Vale do Itajaí nas primeiras décadas do século XX. In: RAMPINELLI (org.) **História e poder** – a reprodução das elites em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2003.

Vale neste momento citar a ideia de modernidade como uma possibilidade de pensar a cidade paradoxal, compartilhada por homens e mulheres embriagados de “aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor¹¹”, que ao mesmo tempo, ameaça de destruir as referências que se tinha de um passado. Esta litoralização aparece inserida neste debate do sentir-se moderno e permite pensar nas subjetividades possíveis que podem emeguir nesta nova relação que se estabelece com o litoral na contemporaneidade.

Neste contexto de modernidade e litoralização a Praia Brava¹² insere-se durante boa parte do século XX, quando era retratada por grupos ligados ao poder econômico e político como “a menina dos olhos de Itajaí”, que toma formas de “mulher” no iniciante século XXI; momento em que a pressão imobiliária se alia ao poder político no município para conseguir a liberação de alvarás ambientais, de ocupação e de edificação dos prédios à beira mar. Neste estudo analiso diversas fontes legais¹³ sobre “legitimidade” de uso ambiental desses espaços. Dentro deste âmbito, interrogar a apropriação de um *slogan*¹⁴ “ambiental” ou “ecologicamente” correto nestes novos projetos urbanísticos na Praia Brava na produção imagética e midiática.

Várias são as notícias sobre a Praia Brava que insistem em vender a imagem de um lugar extraordinário, onde os investimentos imobiliários são vistos como excelente negocio, que ultrapassa os níveis de valorização de qualquer outra área da cidade e da região. Os “Valores” são carta de apresentação dos vários empreendimentos imobiliários, que vinculam este litoral a outras áreas litorâneas do Estado de Santa Catarina, como Jurerê Internacional na Ilha de Florianópolis, onde o metro quadrado é considerado o mais caro de Santa Catarina. Por tanto, este litoral é vendido como uma mercadoria que permeada pelo desejo, provoca uma relação ambígua impulsionada pelo

¹¹ BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.p.15.

¹² LUNA, Gloria Alejandra Guarnizo. **As ondas e o tempo: uma análise sobre a transformação de um território - Praia Brava (1970 – 2003)**, Itajaí, SC. Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

¹³ Estas fontes estão disponíveis na Secretaria de planejamento Urbano do Município de Itajaí na Prefeitura Municipal de Itajaí.

¹⁴ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

fetiche do consumo¹⁵, vinculada também na imagem de uma “natureza”, que incorpora o sonho de um lugar especial e idílico. À Praia Brava, como local “idílico” é incorporado o *slogan* de internacional, chamando a atenção de investidores fora do Brasil, que apostam na realização de um sonho, de viver num lugar paradisíaco onde “a relação recíproca converte o espaço, antes vazio, em algo pleno”¹⁶.

Estes espaços antes “vazios” também se tornam “algo pleno”, quando são analisados os diversos jornais de circulação regional e estadual da cidade, que é vendida como um local de emprego, portanto ligada à uma função econômica. Este feixe iluminado pelo poder político aliado ao econômico, pode provocar uma cegueira no reconhecimento da importância da vida e das relações sociais no contemporâneo e da impossibilidade de perceber a cidade como um lugar de experiências. Este consumo de imagens de uma cidade que vende promessas de futuro, ou onde o futuro já se faz presente, permite questionar o que se deseja, o que se pode, o que permite, e o que é esta cidade, ou ainda indagar, em que medida este consumo movimentava as relações estabelecidas na e pela cidade.

A Praia Brava é retratada como um local onde os “sonhos se tornam realidade”, certamente para quem pode pagar o preço real, ou viver apenas o sonho de poder morar nesse “paraíso”. Numa cidade onde se levam e se trazem promessas de “autotransformação e transformação das coisas ao redor”¹⁷, estas provocam profundas mudanças na estrutura social e urbana e produzem novos signos¹⁸ de referência no contemporâneo aliado a vinculação do *slogan* “ecologicamente correto”.

A década de 1970 é emblemática pela eclosão de movimentos sociais no Brasil que possibilitaram a emergência de novos personagens que estavam em diálogo com debates ambientais a nível nacional e mundial, bem como toda uma mudança de comportamento e subjetividades de grupos organizados na relação com a cidade, e o próprio investimento numa modernização do espaço urbano local.

¹⁵ CASTRO, Edgardo. **Introdução a Giorgio Agamben**: uma arqueologia da potência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 32.

¹⁶ SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. **A construção de Brasília**: modernidade e periferia. Goiânia: Editora da UFG, 1997. p.85

¹⁷ BERMAN, Marshall. *Op. cit.* p.15

¹⁸ GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia da história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Dentro deste contexto, a saturação da “invenção deste (outro) litoral” no presente trabalho, é percebida em fontes midiáticas e imagéticas¹⁹ que anunciam e enunciam a emergência de (novos) personagens que estabelecem uma relação de múltiplas significações de quem é efeito desta produção midiática. Pensar o tempo presente²⁰ também implica discutir os modos como nos constituímos (e somos constituídos) enquanto sujeitos a partir das práticas sociais. Em outras palavras, estes novos personagens entram na cena na litoralização, a partir da relação com a mídia e comungam outros tempos, muito próximos da “ideia de ilhas” no sentido de isolamento, ao mesmo tempo inserido no mundo. Neste sentido a discussão sobre cidade torna-se fundamental quando percebemos que é nela que muitas vidas se realizam.

Nesse sentido as cidades contemporâneas precisam ser problematizadas como lugares de tensão onde as tramas humanas acontecem. Com este propósito a cidade de Itajaí aparece neste projeto plausível de ser historicizada por estar inscrita numa linguagem de cidade saturada pelo litoral na contemporaneidade numa temporalidade que se apresenta múltipla e descontínua, lembrando as idéias de Giorgio Agamben. O filósofo italiano ao retomar o primeiro livro de Nietzsche²¹, de 1872, desloca a noção de temporalidade do contemporâneo, quando este não coincide ao seu tempo, tornando-se assim inatual, mas é justamente neste anacronismo e nesta incapacidade de se situar, que o contemporâneo pode “perceber e aprender o seu tempo”²².

Esta discussão de contemporaneidade possibilita interrogar sobre o pertencimento e seus sentidos, visto que implica experiências singulares e que não necessariamente coincidem com a época dos seus viventes, ou uma discronia que permite entrever na cidade as múltiplas temporalidades e subjetividades que nela se apresentam. É neste sentido, de observar com olhar analítico e através dos métodos da análise histórica, que serão compulsadas a fontes e então problematizadas.

¹⁹ BENJAMIN, Walter. **Obra escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²⁰ TEMPO E ARGUMENTO. Revista do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: UDESC. 2010-2012.

<http://revistas.udesc.br/tempoargumento>

²¹ NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**: helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

²² AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009, p.59.

Em Itajaí os discursos querem vender, e vendem uma imagem de cidade promissora para o trabalho e a prosperidade, bem como dão ênfase a Praia Brava como local idílico e confortável para todos. Sabemos que o que lá se constroi e se vende são confortos para alguns e excluindo a maioria, e, assim, tornando-a apenas em mera mercadoria, ou seja, vende-se promessas e sonhos de confortabilidade e bem estar. Este imperativo mercadológico que assola as cidades contemporâneas, neste caso uma cidade litorânea tem aporte de análise e problematização nas ideias de Giorgio Agamben quando retoma Walter Benjamin²³ em relação ao sistema capitalista que ritualisticamente celebra cultos para obter o que se deseja; o litoral é o paraíso desejado, a mercadoria a ser consumida. Quem faz estes discursos, como faz e para que? Quais os apelos para vender este lugar idílico? Quem consome estas mercadorias? A cidade em si se beneficia deste comércio? O que o poder público faz para buscar equilíbrio entre o “ambiente” e a especulação imobiliária?

Na última década, o litoral de Itajaí, e em especial a Praia Brava, acelerou o ritmo das relações sociais, transformou lugares “vazios” em espaços “plenos”, alterou o cenário “natural” que tinha sido seu diferencial para incluí-la e excluí-la dos discursos modernizantes e preservacionistas na cidade. Itajaí incorpora no seu litoral no século XXI uma cidade cenográfica, por tanto pensada dentro de simulacros no sentido de museificação, com prédios de luxo pensados para pessoas com alto poder aquisitivo e projetada para turistas, não necessariamente um espaço pensado para se viver.

As imagens que apresentam este litoral idealizado são o “corpo dos desejos”, que se confrontam com os desejos imaginados e as imagens desejadas. Estas imagens numa perspectiva agambeliana não são apenas reflexos do vivido, do projetado, mas são sujeitos que “tem a forma de uma espécie, de um uso, de um gesto”²⁴ e dialogam com quem as contempla, por tanto ela é “gerada a cada instante” de novo. O termo espécie que vem do grego *epeties*, toma o sentido de “mercadoria” e logo de “dinheiro”, por tanto as imagens em suas formas são consumidas, elas se dão a ver, se dão a ler, insitam o desejo na inteligibilidade. Neste sentido, a proposta de problematizar também a imagem de um litoral que pela sua “natureza” ou seu “ambiente natural”, é consumido, e

²³ BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²⁴ AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução de Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p.52.

serve como um arranjo mercadológico, que expõe o desejo e torna visível o desejado; o litoral da Praia Brava inserido em um olhar tautológico da litoralização. A idealização desse lugar é “especial” porque se oferece como uso comum de todos, “mas não pode ser objeto de propriedade pessoal”²⁵, ele se configura em uma esfera autônoma, transformado-se em espetáculo, impossibilitando o uso ficando no desejo.

Este espetáculo imagético de um litoral faz parecer as coisas mais próximas, prontas para serem consumidas, mas é justamente por ser um espetáculo para ser visto e contemplado, que afasta a possibilidade de experiência do vivido. Este consumo de imagens de um litoral, produz um sonambulismo que mistura o desejado ao sonho de poder consumir, por tanto ele, se torna volátil, escapa à experiência. Walter Benjamin ao analisar a perda da aura da obra de arte que na sua essência sempre foi reproduzível, sempre foi imitável, insere à fotografia (o cinema por sua vez “estava contido virtualmente na fotografia”²⁶) a responsabilidade artística, por tanto percebe que coube ao olho humano o que antes pertencia à mão.

Neste sentido as imagens reproduzíveis que saturam o litoral, eliminam a possibilidade de experiência de quem as produz e quem as consome por estarem envolvidos numa ação desenfreada de fazer com que as coisas estejam prontas para serem vistas e consumidas “ao sabor do instante”²⁷. Na ambiência de perceber os artefatos que perpassam a produção midiática e imagética e como sugere o historiador e crítico de arte Didi-Huberman²⁸, há que reconhecer que a criação de imagens está sujeita a manipulações próprias do seu tempo. Este teórico oferece a possibilidade de um diálogo com as teorias de Agamben sobre o contemporâneo e a perda da experiência, traçando diversas formas de resistência da cultura, do pensamento e do corpo que se relacionam e driblam o poder da política, da mídia e da mercadoria. Com este intuito Didi-Huberman possibilita discutir um avesso de um mundo em que a saturação, a manipulação midiática e o excesso de imagens espetacularizadas desencadeiam as identificações afetivas e encolhem o espaço da reflexão crítica e do debate público.

²⁵ AGAMBEN, Giorgio. *Op cit*, p.53.

²⁶ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.170.

²⁷ BENJAMIN, Walter. *Op. cit.*, p. 96.

²⁸ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Op cit*.

Ao construir um sentido à narrativa da invenção de (outro) litoral na Itajaí contemporânea apresentada, leva-se em conta que esta invenção é uma representação mediada e construída pelo historiador da leitura do passado e da sua percepção de mundo. Deste modo o trabalho apela para a relação e as comparações entre os símbolos presentes para estudo na pesquisa permitindo também a conjugação interdependente que percebe que estes não são sujeitos fixos, eles tem movimento.

As reflexões aqui postas implicam o diálogo com outras possibilidades que surjam e que possam vir a enriquecer o resultado final deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009.

_____. **Profanações**. Tradução de Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BARRETO, Cristiane Manique. **Entre Laços e Nós: formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930)**. Porto Alegre: UFRG, 1997. Dissertação (Mestrado em História).

_____. Entre laços: as elites do Vale do Itajaú nas primeiras décadas do século XX. In: RAMPINELLI (org.). **História e poder: a reprodução das elites em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2003.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Giorgio Agamben: uma arqueologia da potência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CAMPOS, Emerson César de; FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Tempos Saturados** In: _____ (organizadores) Florianópolis no Tempo Presente. Florianópolis: UDESC, 2010.

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano: 1 Artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOSSE, François. O espaço habitado segundo Michel de Certeau – descontinuidades e intangibilidade da personalidade: a relação com o tempo no individualismo contemporâneo. **Traduções Artcultura**. Uberlândia, Minas Gerais, n.9, jul-dez, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia da história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LINHARES, Juventino. **O que a memória guardou**. Itajaí: UNIVALI, 1997.

LUNA, Gloria Alejandra Guarnizo. **As ondas e o tempo: uma análise sobre a transformação de um território - Praia Brava (1970 – 2003)**, Itajaí, SC. Florianópolis: UFSC, 2004. (Dissertação de Mestrado em História).

MOREIRA, Sonia Miriam Teixeira. O Porto da madeira. In: **Itajaí: Outras histórias** Itajaí: Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação/Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia: helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1974.

SILVA, José Bento Rosa da. Trabalhadores de Itajaí: uma história de organização e resistência. In: **Itajaí – Outras Histórias**. Itajaí: Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação/Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. **A construção de Brasília: modernidade e periferia**. Goiania: Editora da UFG, 1997.